

Processos e procedimentos: uma entrevista com Sara Ramos

Processes and procedures: an interview with Sara Ramos

Procesos y procedimientos: una entrevista con Sara Ramos



Maryella Gonçalves Sobrinho



Viviane Baschirotto



Rosângela Miranda Cherem

RESUMO:

A entrevista concedida pela artista Sara Ramos aborda, entre outras obras, um conjunto apresentado na exposição individual *Íntimo Plural*, apresentada em 2018 na Fundação Cultural Badesc em Florianópolis (SC) e fez parte do Circuito Propagações do SESC, circulando pelas galerias da instituição em Jaraguá do Sul, Lages, São Bento do Sul, Itajaí, Joinville e Joaçaba. Aborda também obras produzidas ao longo de quase vinte anos da carreira da artista, como a série *Engolidores*, *Inventário do Feminino* e as novas experimentações em colagem na série *Pin-Up Girl Revisitada*. A entrevista foi realizada no ateliê da artista, localizado em Florianópolis.

Palavras-chave: Gesto, Cerâmica, Feminino

ABSTRACT:

*The interview given by artist Sara Ramos addresses, among other works, a set presented in the individual exhibition *Íntimo Plural*, presented in 2018 at the Badesc Cultural Foundation in Florianópolis (SC) and was part of the *Circuito Propagações do SESC*, circulating through the institution's galleries in Jaraguá do Sul, Lages, São Bento do Sul, Itajaí, Joinville and Joaçaba. It also addresses works produced over almost twenty years of the artist's career, such as the series *Engolidores*, *Inventário do Feminino* and the new collage experiments in the *Pin-Up Girl Revisited* series. The interview was carried out in the artist's studio, located in Florianópolis.*

Key words: *Gesture, Pottery, Feminine*

RESUMEN:

*La entrevista concedida por la artista Sara Ramos trata, entre otras obras, de un conjunto presentado en la exposición individual *Íntimo Plural*, presentada en 2018 en la Fundação Cultural Badesc en Florianópolis (SC, Brasil) y formó parte del Circuito Propagações del SESC, circulando por las galerías de la institución en Jaraguá do Sul, Lages, São Bento do Sul, Itajaí, Joinville y Joaçaba. Trata, también, de obras producidas a lo largo de casi veinte años de carrera artística, como la serie *Engolidores*, *Inventário do Feminino* y las nuevas experimentaciones en collage en la serie *Pin-Up Girls Revisitada*. La entrevista fue realizada en el taller de la artista, localizado en Florianópolis.*

Palabras clave: *Gesto, Cerámica, Femenino.*

Cada artista possui um gesto artístico que o acompanha, como algo que se repete, persiste e insiste em suas produções. Giorgio Agamben, em seu texto *O autor como um gesto* do livro *Profanações*, propõe pensar o gesto artístico como um dispositivo que captura, um sentido que sempre retorna nas obras de um artista, permanecendo na obra como um sintoma. O gesto, apesar de sua recorrência, não faz com que o artista se torne acadêmico dele mesmo, mas sim encontre sempre sua diferença. Essa foi uma das premissas do *Seminário Temático: Contemporizações, Artes Visuais em Santa Catarina*, ministrado em 2018 por Rosângela Cherem, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina. Com o objetivo realizar uma cartografia da produção artística de artistas catarinenses (ou cuja produção artística esteja vinculada geográfica e conceitualmente ao estado), os discentes foram incentivados a pesquisar acervos, arquivos e coleções; museus, galerias e espaços de criação. Entre os diversos artistas abordados está Sara Ramos (Florianópolis, 1958).

Para melhor compreender o universo conceitual de Sara, realizamos uma entrevista em novembro de 2018. Em seu ateliê, cercada por argila, esmaltes, estecas e obras (algumas finalizadas, outras inacabadas), Sara nos apresentou seu processo de produção artística, que tem a cerâmica como principal linguagem.

Sara Ramos nasceu em 1958, na cidade de Florianópolis (Santa Catarina, Brasil), onde ainda reside e trabalha em seu atelier particular. É formada em Educação Artística (Universidade do Estado de Santa Catarina- UDESC) e em Letras (Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC). A artista trabalha com diversas mídias e linguagens, mas dedica-se principalmente à escultura. Frequentou cursos de extensão da área da cerâmica com importantes artistas nacionais e internacionais e o Atelier Livre de Cerâ-

mica Escultórica no Centro Integrado de Cultura (CIC - Florianópolis). Desde 1999, expõe no Brasil e exterior, além de ter sua obra pertencente a coleções museais e espaços públicos em Portugal, República Dominicana, Argentina, Uruguai e Vietnã.

O relato de um artista, a investigação sobre seu processo de trabalho, pode ser uma importante ferramenta para refletir sobre seus gestos artísticos. O gesto artístico de Sara Ramos possui um caráter modular, que permeia sua produção, tanto em cerâmica como nas incursões com outros materiais, como a fotografia, o vídeo, a colagem. A entrevista aborda, entre outras obras, um conjunto apresentado na exposição individual *Íntimo Plural*² de 2018, mas também obras que produziu ao longo de quase vinte anos de carreira como *Engolidores*, *Inventário do Feminino* e as novas experimentações em *Pin-up Girl Revisitada*.

1. O material predominante nos teus trabalhos é a cerâmica, como a cerâmica chegou na sua vida? Como você começou a trabalhar com a cerâmica?

Primeiro eu tenho que dizer que eu sou uma artista tardia. Apesar da minha formação em arte, eu fiz outra graduação e a vida me levou para outras direções. Eu acabei recuperando esse meu lado da arte depois dos 45 anos de idade e foi justamente com a cerâmica. Enquanto eu estava estudando, eu pintei, desenhei e, durante a minha vida, mesmo sem estar profissionalmente estabelecida em arte, sempre fiz arte. Quando a gente é artista faz arte de outras formas, encontra outros caminhos. Eu retomei a cerâmica por uma necessidade de voltar a fazer algo na arte e a escolhi porque na graduação era um interesse meu. Sempre gostei do tridimensional e o barro é uma possibilidade de fazer muitas coisas sem um esforço físico enorme, como por exemplo, se fosse na pedra ou no ferro. A cerâmica não dependia de outras pessoas, só de mim mesma. E eu retomei a cerâmica como uma forma de prazer e, ao final de um ano que eu estava participando de um curso/ateliê no CIC (Centro Integrado de Cultura), eu fiz uma exposição.

2. Como foi esse retorno à cerâmica? E também como é fazer essas experimentações com outros tipos de materiais, como a costura e o vídeo vistos na exposição *Íntimo Plural*?

Retornar é como pegar de volta toda uma paixão que eu tinha deixado longe e retomar. E voltei de uma maneira voraz. De certa forma, eu recuperei um tempo, embora eu pense que toda minha vida não foi perdida, pois eu acho que a mulher e a artista que eu sou é muito daquilo que eu vivi, mas talvez se eu tivesse continuado, eu não tivesse feito as mesmas coisas. Então aquela voracidade toda de fazer tudo ao mesmo tempo me levou a entrar em várias exposições. Fui “recuperando” o tempo perdido. Estou fazendo cerâmica há mais ou menos vinte anos desde então, e agora, nesses últimos tempos, eu tive vontade de fazer outras coisas que eu fazia lá atrás também, resgatando certos prazeres, ideias e conceitos que ficaram congelados no tempo. Foi onde resolvi fazer essa individual *Íntimo Plural* e busquei lá e cá coisas que estão dentro de mim para montar essa exposição. E aí eu fui para a máquina de costura, para máquina fotográfica, trabalhei com outros materiais também e isso não é algo que não exista na minha vida, mas eu nunca havia mostrado e me empenhado profundamente em fazer.

3. Em *Íntimo Plural* na obra *Universo Paralelo* várias placas finas estão juntas, como foram feitas?

Foram feitas uma a uma. Trabalho muito com o limite da cerâmica, as coisas bem finas, aquelas pontas, que parecem que vão quebrar a qualquer toque, eu gosto desse desafio que a cerâmica me provoca. Essas folhinhas são feitas com rolinho de macarrão, que é uma coisa que todo ceramista usa, temos de vários tamanhos conforme for a placa. Eu faço as plaquinhas bem finas, corto uma cartolina para mais ou menos saber o tamanho, rasgo para que ela fique com pontas, depois é colocado tudo em madeira com peso em cima, uma por uma. Depois elas são coladas com o próprio vidrado, o esmalte. Faço em camadas, em pequenos blocos, depois eu uno uma a uma com cola fria e estão prontas. E essa rede, que tem em vários trabalhos, eu trabalhei muito o conceito da rede, pensando a rede de internet, a rede que nos prende, era isso mais ou menos que eu pensava quando eu fiz esses trabalhos, as redes que nos envolvem. O material base é aquela rede que envolve a fruta no supermercado. Eu corto, embebo em argila líquida,

coloco sobre uma forma de gesso, mas não é molde, é como um espectro, fica só a alma, a parte de fora. A parte de dentro é um trabalho bem delicado, ele quebra muito fácil porque as camadas ficam finíssimas e por isso que eu dou banho depois de esmalte, pois a vitrificação deixa um pouco mais resistente.

Figura 1 – Sara Ramos, Universo Paralelo, 2018. Cerâmica e acrílico. Exposição Íntimo Plural, Fundação Cultural Badesc.



Fonte: Arquivo pessoal.

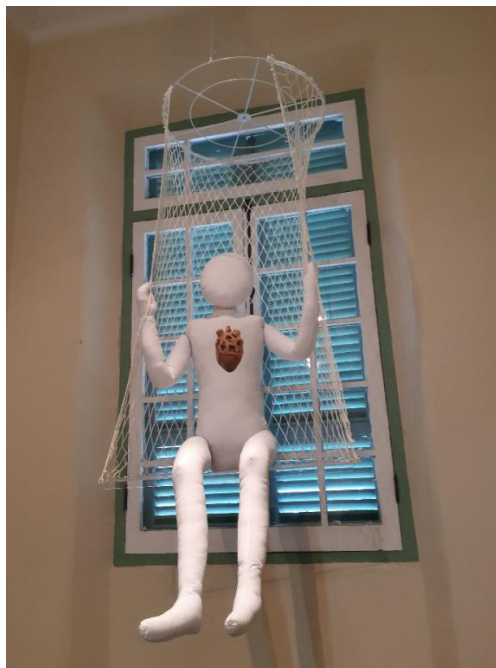
4. Como você começou a produzir os pequenos seres que aparecem em Íntimo Plural?

Eles nasceram porque eu precisava fazer uma exposição fora do Brasil. Eu tinha ganho de presente numa festa essa caixinha de acrílico com docinho dentro, eu achei aquilo a coisa mais fofa, guardei o material. Depois de certo tempo, peguei aquelas caixinhas e surgiu o Íntimo Plural, que são esses seres, homens e mulheres, cada um numa posição diferente, onde não ligo muito para anatomia, o que me importa é o gesto, o que eu quero ver ali é a vida que aquele pequeno personagem está vivendo e o que ele está sentindo naquele momento congelado.

5. Pensando ainda na exposição *Íntimo Plural*, nesses seres dentro das caixas, solitários, ao mesmo tempo muito perto uns dos outros e os corações também dentro dos vidros, cada um isolado do outro, poderia comentar a solidão presente na exposição?

Essa exposição foi mesmo um conceito proposital, porque eu queria aprisionar tudo, tudo era aprisionado nessa exposição. Mas de uma maneira tão leve, tão sutil que as pessoas às vezes nem percebiam, mas todos os serezinhos estavam dentro de caixas, tudo estava encaixotado dentro do vidro, e até os bonecos que estavam soltos estavam de alguma maneira amarrados e impedidos. O que estava pendurado no balanço estava tão alto que ele não podia pular e, ao mesmo tempo, tinha essa rede que lembra mais um poleiro do que um balanço. Quando eu fiz esse balanço eu me inspirei nos samburás para pegar siri, carregar peixes. Eu queria que o boneco estivesse com o aspecto de preso, apesar de ele não estar tão preso assim. Essa exposição está agora em Itajaí, na Galeria do SESC, ela está numa galeria muito grande, então eu pude colocar dois balanços, dois bonecos e a cadeira no centro e aí completou a ideia de casal e cada um no seu mundo. Em Itajaí, eu pude colocar também uma cúpula, porque aquele vídeo tem uma cúpula de acrílico que a pessoa vai embaixo e o som se intensifica.

Figura 2 – Sara Ramos, *Nada entre nós*, 2018. Tecido, fibra, acrílico e rede. Exposição *Íntimo Plural*, Fundação Cultural Badesc.



Fonte: Arquivo pessoal.

6. E como foi o processo de produção do vídeo *Tudo sobre nós* presente na exposição *Íntimo Plural*?

Fizemos algumas experiências e foi bem emocionante. Essa série dos corações eu estava fazendo para uma outra exposição, esse coração que é *Vejo flores em você*, onde eles são submersos em vidros e em água. Para comprar o vidro, tem uma história também, eu fui comprar o vidro e na loja eles tinham vários tipos. Mostrei como eu queria e na loja tinham um vidro que vendiam para o IML (Instituto Médico Legal). Era esse mesmo que eu queria, porque queria passar a mensagem da conservação de órgãos. E quando eu estava fazendo o coração em cerâmica, fiz manualmente por partes e para ir para o forno é preciso fazer furinhos para o ar que está dentro poder sair e a peça não explodir no forno, pois o ar se expande no calor e poderia estourar a cerâmica, fazer o furo é um procedimento comum. Eu fiz um furo pequeno embaixo e em cima no coração, porque eu já queria que ele submergisse, então assim que eu colocasse, tinha um furinho para entrar água e outro para sair o ar. Quando eu fui testar no meu ateliê, era um final de tarde, me sentei e peguei um vidro, coloquei o coração e fiquei esperando que ele submergisse para ver se tecnicamente aquilo aconteceria. Ele foi descendo e começou a sair o ar que estava dentro, fazendo tumtum, tumtum. Foi algo tão emocionante, tão fora do comum! Era um entardecer e uma emoção tão grande nasceu dentro de mim, porque ali eu tinha um trabalho. Uma coisa que a gente aprende na arte é que muito do trabalho é estudo, pois eu estudo, leio e vejo muitas coisas, e exercito o fazer, pois tenho muitos trabalhos que são múltiplos. Mas também a gente recebe presentes do acaso e esse foi um deles, não foi um trabalho que eu pensei que bateria como um coração, esse coração me veio de presente. Meu trabalho foi colocar essa ideia no vídeo e aí nasceu *Tudo sobre nós*.

7. E como surgiram os corações? Quando você fez pela primeira vez?

Eu ia participar de uma exposição coletiva há alguns anos atrás onde a temática envolveria a cor vermelha. Comecei a pensar e abri a minha caixa de adesivos, vi o que eu tinha com vermelho. Vi as florezinhas que eu tinha e pensei no que poderia fazer. Surgiu o coração, fui fazer um coração com flores, o *Vejo flores em você*.

Figura 3 – Sara Ramos, *Vejo flores em você*, 2016.



Fonte: Acervo da artista.

8. Os adesivos estão presentes em vários corações e em outras peças também, poderia comentar esse uso?

Os adesivos para mim são uma marca de criança, lembram aqueles adesivos de caderno, tem essa referência, eu adorava quando ganhava para colar no caderno, e era uma coisa rara de ganhar, um presentão. Os adesivos são decalques cerâmicos usados na indústria de porcelana, de louça. Eu compro pronto, busco isso da cerâmica utilitária, fazendo um diálogo. E para alguns trabalhos específicos eu mandei fazer. Eu estou com um trabalho pronto que ainda não foi exposto onde eu mandei fazer as palavras que eu queria. Nos corações, para colocar esse adesivo, eu sou obrigada a ter brilho, tem coisas que são da técnica, se não o adesivo numa peça de cerâmica natural sem o vidrado o adesivo não fixa, ele enrugam, encrespa, ele tem que ter um fundo de esmalte cerâmico pra poder pegar.

9. Poderia comentar sobre a obra *Relicário* e os seus significados?

Apesar de eu não ser religiosa, meus pais eram religiosos demais, esse trabalho é uma referência a sacristia da Catedral Metropolitana de Florianópolis. Meus pais eram muito atuantes dentro da igreja e, em alguns momentos, eu e meus irmãos ficávamos na sacristia, naquele lugar escuro, cheio de batina pendurada, santos quebrados, aquela coisa do místico e do medo ao mesmo tempo. Essa memória é muito forte para mim. Não no sentido de dor, mas no sentido de perplexidade com um mundo imaginário que eu não sabia responder o que era, aquele Cristo todo ensanguentado, com aquelas mãos furadas, essas imagens são muito presentes para mim. E o relicário tem muito disso. Para mim é a sacristia da Catedral. Claro que ele tem outras coisas ali, eu perdi a minha irmã mais velha com sessenta anos por conta de um infarto... Tem uma série de coisas que me fizeram produzir esse trabalho, esse coração é cheio de significados para mim. E tem o amor dentro dele, porque ele tem flor, que sou eu, esse otimismo, que mesmo diante da dor, eu tenho uma coisa que transcende de alguma maneira os problemas.

10. Suas obras têm títulos sugestivos, elas estão contando uma narrativa?

Eu faço tanta brincadeira com palavra, é algo que eu gosto demais, pois tenho formação em Letras e escrevo um pouco. Um dia ainda vou fazer uma exposição com poesias e imagens, mas eu ainda não parei para fazer essa exposição. Meus títulos são como *Tudo sobre nós*, *Nada entre nós*, são advérbios junto a pronomes pessoais. Todos os títulos têm muita importância no meu trabalho, são para mim um outro trabalho, são muito bem pensados. Eu acho que eles potencializam aquilo que eu estou pensando do trabalho.

11. Seu trabalho tem tanto os objetos totêmicos quanto os seres ínfimos, ambos são modulares, são peças soltas que você vai rearranjando conforme a exposição, você apresenta de diversas formas, gostaria de saber se você pensou na questão modular ao produzir esses trabalhos como *Engolidores* e *Íntimo Plural*.

Engolidores me acompanha desde sempre, são módulos, várias peças que eu empilho e eu posso trocar a ordem dessas peças. A base não dá para trocar muito, ape-

nas de uma para outra, mas não posso colocar de cima para baixo porque ela é uma base, precisa sustentar toda uma pilha. Eu penso porque eu faço cerâmica, por trabalhar com barro, e acho que eu busco uma criança que um dia eu fui; é aquela coisa do lúdico, do prazer, de imprimir o sonho, alegria e o mundo imaginário naquele momento. Acho que o barro propicia isso, um retorno à infância, um retorno a memórias afetivas. Então, de repente, esses modulares nada mais são do que um brinquedo para mim, eu brinco de colocar uma coisa por cima da outra. Muito do que eu faço é intuitivo, claro que existe projeto, um pensamento teórico, uma base pra tudo isso, mas na hora que eu estou fazendo é muito lúdico, é muito prazer de fazer.

12. Como são produzidos esses seres totêmicos dos *Engolidores*, eles foram concebidos para serem fálicos?

Cada um desses é um módulo, eu faço todos separadamente, tudo desenhado. Todos os engolidores são falos, se a gente olhar a grosso modo são falos, porque eles são todos verticais, empilhados, vão para cima. Todo mundo vê falos nessas pontas, a maioria das pessoas acha que tem uma coisa de erotismo e até a minha mãe dizia, ela via uma relação com sexualidade. Mas eu não sei, não penso muito no que isso possa significar, mas tem muita gente que relaciona com símbolos fálicos.

13. Seu trabalho é muito colorido, mas a sua cor vem pouco dos esmaltes cerâmicos, elas têm pouco brilho...

Sim, as minhas peças se você ver *in loco* quase não tem brilho, elas têm muita textura, eu faço muita raspagem, uso muitos óxidos, mas não tem tanto brilho. Apenas tem o brilho quando ele se faz necessário tecnicamente ou quando eu quero fazer um contraste. Muito do que se vê no meu trabalho vem da cor da argila, ou pura ou pigmentada. Do vermelho ao preto, passando pelo amarelo, azul, verde, eu trabalho com barro colorido. Hoje eu compro pronto, mas nos *Engolidores* fui eu que produzi através de um barro branco com pigmentos. Eu gosto de cor, agora eu estou começando a produzir micro esculturas, coloridíssimas, para colocar em caixinhas como os seres pequenos. Cada uma com uma escultura diferente, elas são *Engolidores*, mas pequenas. Estou

fazendo a maioria delas de encaixar, faço por partes, elas têm em torno de três centímetros. Para mim tem sido uma experiência fantástica, porque estou fazendo também maquetes, pois cada uma daquelas esculturas pequenas pode se transformar numa maior.

Figura 4 – Sara Ramos, Série *Engolidores*, 2005-2012. Dimensões variadas. Cerâmica.



Fonte: Acervo da artista.

14. O seu processo artístico passa muito pela experimentação, você coloca cacos de vidro, sementes, elementos naturais para dar textura na cerâmica, poderia comentar sobre esses procedimentos?

Isso é algo muito particular, não sei exatamente dizer de onde vem. Talvez re- vendo tudo o que eu gosto de fazer, a maneira como eu encaro as coisas na vida. Uma coisa que eu gosto muito é de culinária, eu gosto de cozinhar, e um ateliê de cerâmica é quase como uma cozinha experimental, até pelas cumbucas que eu tenho, os aparelhinhos. O barro é a matéria-prima, mas ele para mim não está pronto, eu gosto de interferir e faço muito isso com coisas orgânicas, com semente de comida para pássaros,

com temperos e também com materiais que somem durante a queima, que provocam textura, assim como com elementos e materiais que permanecem ao final da queima, eles não desaparecem. Eu acho que essas experiências que eu faço acabam provocando um efeito que as pessoas ficam na dúvida sobre que material é esse. Já tive trabalhos onde aconteceu de alguém colocar a mão e tentar quebrar para ver o que é, porque lê na etiqueta e não acredita que é cerâmica. O meu trabalho foge, ele procura ser uma outra coisa. Por muito tempo eu fiquei chateada porque não me sentia artista, pois achava que não tinha um trabalho tão coerente. Porque quando a gente vê um artista, ele segue um trabalho mais ou menos numa linha, e eu vou para tudo quanto é lado. Mas entendi que isso faz parte do meu jeito experimentador, é o desafio que me move a fazer as coisas, por isso meu trabalho pula de uma coisa para outra, porque é assim que eu sou por dentro, curiosa e experimentadora.

15. Poderia comentar sobre a produção de *Você tem fome de quê?*

É uma instalação de pratos pretos meio crespos, como se fossem fervendo e em cima de cada um tem uma escultura branca, uma diferente da outra, é um trabalho em preto e branco. Eu queria que fosse um grande banquete. O acaso ajuda o artista e aqui também foi uma obra do acaso. Eu queria fazer pratos pretos com objetos brancos, comprei um esmalte mate porque eu não queria brilho nesses pratos. Eu fiz a pintura, coloquei no forno e quando ele saiu do forno, saiu todo crespo. A princípio, na minha cabeça, eles eram pratos lisos e foscos e as peças brancas teriam brilho para fazer o contraste. Tentei tudo o que eu sabia para fazê-los assim, mas não teve jeito, então os abandonei. Num dia eu entrei no meu ateliê, olhei para pilha de pratos, e com uma peça branca pronta coloquei em cima. Foi quando decidi deixar assim. Achei que era uma lição que a cerâmica estava me dando, porque ela está dizendo para mim que estava pronta e eu não estava enxergando isso. Ela estava me dizendo que estava fervendo e eu não estava vendo. Como eu iria falar de comida se não falasse em fogo? E foi então que ficou assim, deu errado e o erro era a resposta.

Figura 5 – Sara Ramos. *Você tem fome de quê?* (detalhe). 2010. Instalação.



Cerâmica esmaltada, 18 pratos com acabamento em esmalte mate *off black* superhidratado. Instalação mede 1,50m x 2,50m. Fonte: Acervo da artista.

16. Poderia esclarecer as questões que a motivaram no trabalho *Oferenda*?

Quando eu fiz esse trabalho, que são 450 cumbucas, pensei no sangue de todas as mulheres. Comecei a rever as civilizações antigas que faziam sacrifícios femininos em prol das colheitas. Pensei naquelas mulheres mortas em função de uma cultura, de uma religião. Foi uma coisa minha em nome de todas as mulheres que sofriam e sofrem algum tipo de violência. Esse trabalho é totalmente voltado para isso. É o sangue de todas as mulheres. Daqueles rituais de imolação femininos.

17. Gostaria que você comentasse sobre a obra *Inventário do Feminino e sua produção*.

Na época eu estava fazendo um estudo com algumas mulheres sobre o livro *Mulheres que correm com lobos* de Clarissa Pinkola Estés, falando sobre os arquétipos femininos. Fiquei fascinada por aquilo e queria fazer um trabalho com símbolos. Nasceu

o *Inventário do feminino*, onde cada objeto que está ali em cima tem um símbolo da psique feminina. Por exemplo, as chaves para mim definem a liberdade, abrem portas, caminhos, foi a maneira de mostrar a liberdade dentro do mundo feminino; a bolsa é a minha caixa de pandora, meus segredos, dores, alegrias; o coração é amorosidade; o sapato é o nosso caminhar...

Figura 6 – Sara Ramos. *Inventário do feminino*. 2008.



Cerâmica esmaltada, decalques e ouro. 14 objetos, dimensão total: 53cm x 50 cm x 27 cm. Fonte: Acervo da artista.

18. Você não tem molde pra fazer esses objetos...

Não tem molde, são feitos a mão. Eu testei essa minha habilidade muito tarde. Fui descobrir que eu sabia copiar alguma coisa depois de adulta, eu não sabia que eu tinha essa capacidade. Foi no curso de cerâmica que todo mundo tinha que produzir algo para uma exposição, cada um tinha que fazer um sapato. Eu coloquei um par de sapato na minha frente e eu fiz, exatamente igual, até então eu não sabia que eu sabia

fazer isso. Engraçado, eu sabia desenhar, mas eu não sabia que eu podia fazer isso de uma maneira tridimensional.

19. No lado oposto a essas peças onde você copia objetos, existe aquilo que você chama de cracas em vários dos seus trabalhos.

É uma coisa que eu repito também em vários trabalhos, são cracas do mar. Meu tio tinha uma casa no bairro Ribeirão da Ilha onde a gente ia passar o dia de domingo para almoçar, e eu me lembro de pegar pedrinhas e bater nas pedras para comer as ostras. Então acho que aquele contato de criança com o mar permanece comigo. Meus antepassados eram açorianos da Ilha de São Miguel, vieram com os colonizadores, então esse contato com o mar, a ilha, é algo muito presente em mim, acho que é por isso que eu repito essa craca que dá na pedra nos meus trabalhos. Lembra coisas do mar.

20. Como foram produzidas a série de colagens *Pin-up girl revisitada*?

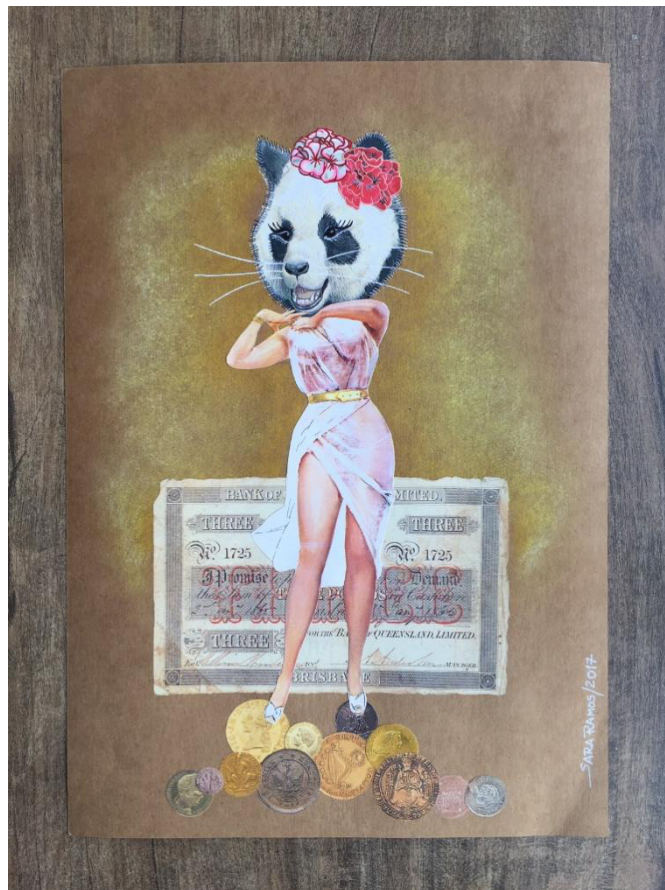
Foram cinco desenhos que eu fiz pra uma exposição. Eu não fazia colagem desde que estava na escola, e aquilo são recortes de revista com desenho em cima. Fui pegando coisas de vários lugares, é o meu namoro de volta ao bidimensional, eu estou com vontade de voltar a pintar, de desenhar, vontade de fazer outras coisas. Nas colagens tem cheques antigos, revista de moedas, revista de *pinup*, revista de tipo geográfico para pegar essas caras de bicho. O fundo é pastel seco, e essas caras são todas pintadas por cima, porque o bichinho não vem assim, mas eu desenho e risco e coloco mais pelo, a flor na cabeça, essas barbichas.

21. Gostaria que você falasse sobre as suas referências de artistas.

A primeira vez que eu vi uma cerâmica linda, eu nem estava fazendo cerâmica, foi o Brennand, ele é uma referência no meu trabalho, apesar de ser muito diferente do que eu produzo. Adoro também o Miró, fiz um trabalho relacionado a ele, Voyeur, onde tem uma poesia que escrevi e os olhos foram todos modelados a mão com massinha de biscuit com íris de bonecas de vários tamanhos. Eles estão colados em cima de um espelho, que no momento que o espectador olha, os olhos dele também fazem parte do

trabalho. E em *Voyeur II*, esses olhos que estão desenhados são olhos que eu encontrei nos trabalhos diferentes do Miró. Fui coletando e reproduzindo os olhos e embaixo é uma frase que escrevi em braile: “No teu olhar achei o meu”. Nos olhos de Miró, achei o meu. Mas do trabalho dele no meu, eu não vejo muito, é mais um gostar. Krajcberg eu gosto muito do trabalho também, tem poucas relações, talvez mais com a textura, uma ranhura. E a primeira vez que foi um trabalho meu para a mostra Casa Cor, uma amiga disse que viu as esculturas e que parecia Gaudí. Até então eu não tinha relacionado, mas comecei a olhar novamente para o Gaudí e eu acho que tem alguma coisa ali que eu coloco no meu trabalho com referência a ele. Esses são os mais fortes, agora referência a gente tem tudo, todo dia, a vida é referência.

Figura 7 – Sara Ramos, *Série Pin-up girl revisitada*, 2017.



Fonte: Acervo da artista.

Considerações finais

Na pesquisa em/sobre arte, o mapeamento da produção artística é cada vez mais frequente, e a realização de entrevistas como parte da metodologia é sempre uma oportunidade para destacar a fala em primeira pessoa do/a artista. (SCOVINO, 2009). Ouvir seu relato permite reconhecer seu repertório e reconhecer as principais persistências em seu gesto. Além de parte da metodologia da pesquisa, uma entrevista com o/a artista torna-se também um documento histórico, podendo ser consultado e analisado sempre a partir de um diálogo entre o passado e o presente. Na época em que foi realizada, esta entrevista foi (e permanece sendo) fonte valiosa para a elaboração de textos críticos sobre sua obra.

Hoje, em 2021, quando se observa a produção mais recente de Sara, é possível perceber que alguns aspectos abordados em sua fala permanecem latentes: a mimese, a referência à natureza e, principalmente, a artesanaria que envolve todo o processo de confecção das peças.

Notas

¹ Dentre os demais artistas, estão: Cassia Aresta, Clara Fernandes, Diego de Los Campos, Fernando Lindote, Ilca Barcellos, Juliana Hoffmann, Raquel Stolf, Roberta Tassinari, Sandra Favero, Sérgio Canfield, Silvana Leal, Rosana Bortolin, Yara Guasque e Walmor Correa.

² A exposição Íntimo Plural foi apresentada no ano de 2018 na Fundação Cultural Badesc em Florianópolis, SC e fez parte do Circuito Propagações do SESC, circulando pelas galerias da instituição em Jaraguá do Sul, Lages, São Bento do Sul, Itajaí, Joinville e Joaçaba.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. O autor como gesto. *In.: Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2002.

SCOVINO, Felipe. *Arquivo Contemporâneo*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.